

## Essa tal língua portuguesa: um aprendente de português na encruzilhada da história

Lili HAN<sup>a</sup>, Vânia REGO<sup>b</sup>

### Resumo

Com base em estudos anteriores sobre o ensino da língua portuguesa em universidades chinesas, o presente artigo pretende tratar, dum ponto de vista histórico, o período relativo às décadas de 1960 e 1970, época em que se iniciaram os primeiros cursos de português no ensino superior na China. Neste estudo, serão descritas as circunstâncias históricas e políticas da China que levaram à criação dos primeiros cursos de português no ensino superior, assim como os diferentes acontecimentos históricos que influenciaram a história mundial, em geral, e a dos países de língua portuguesa, em particular. Além de sintetizar o contexto histórico que corresponde à época da criação dos primeiros cursos universitários de língua portuguesa, este trabalho permitirá, nomeadamente, identificar os primeiros professores de português nas universidades chinesas e as suas histórias de vida e, por fim, destacar a história de um dos primeiros licenciados em português na China.

*Palavras-chave: ensino de PLE na China, periodização histórica, lusofonia*

### 1. Introdução

Diversos estudos (Li 2018, Liu 2017, Choi 2017, Yan 2008) abordaram o ensino de português na China, enfatizando que o seu desenvolvimento tem registado um salto sem precedentes ao longo dos últimos dez anos, apesar de um início complicado na década de 1960, a que se seguiu um período dito de adormecimento nos vinte anos posteriores.

Em comparação com a década de 1960, quando se contava apenas duas instituições que ensinavam português - o Instituto de Radiodifusão de Pequim (adiante designado por IRP)<sup>1</sup> e o Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim (adiante designado por ILEP)<sup>2</sup>, com poucos

docentes, além, claro, das turmas organizadas pela Companhia Comercial *Nam Kwong*<sup>3</sup> em Macau -, actualmente, quase sessenta anos depois, existem aproximadamente 40 instituições de ensino superior no Interior da China<sup>4</sup>, cerca de 2300 alunos no total e mais de 133 professores, dos quais 84 são chineses e 49 portugueses ou brasileiros (Li 2018: 3).

Este crescimento exponencial do ensino do português no Interior da China não aconteceu por acaso. Por esta razão, sentimos necessidade de retrazar o percurso da criação dos primeiros cursos de português, demonstrando assim a importância histórica dos mesmos, bem como as figuras mais representativas desse percurso. Por

<sup>a</sup> Escola Superior de Línguas e Tradução, Instituto Politécnico de Macau || ✉ [hanlili@ipm.edu.mo](mailto:hanlili@ipm.edu.mo)

<sup>b</sup> Escola Superior de Línguas e Tradução, Instituto Politécnico de Macau || ✉ [vania.rego@ipm.edu.mo](mailto:vania.rego@ipm.edu.mo)

1 O IRP, antecessor da Universidade de Comunicação da China (UCC), abriu, no total, três turmas até 1970: o primeiro curso de Português em 1960 e mais duas turmas em 1965.

2 O ILEP, antecessor da Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing (UEEB), abriu o primeiro curso de Português em 1961. Admitiu uma turma especial em 1973. Retornou à normalidade a partir de 1977.

3 A companhia *Nam Kwong* foi criada em 1949 em Macau. De 1959 a 1992, foram abertas nove edições de turmas de português e formados cerca de 90 quadros para Macau, Hong Kong e o Interior da China e, entre eles, funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, do Ministério do Comércio e do Ministério da Educação do Interior da China (Choi 2017: 253).

4 Este número não inclui as instituições de ensino superior em Macau que ensinam Português.

outro lado, esperamos poder responder à curiosidade dos que estudam ou estudarão português, numa perspectiva que permita pensar o presente do ensino-aprendizagem da língua portuguesa através dos ecos da memória e, neste caso específico, da história e cultura dos países envolvidos. Tal como lembra Macintyre (1981):

To enter into a practice is to enter into a relationship not only with its contemporary practitioners, but also with those who have preceded us in the practice, particularly those whose achievements extended the reach of the practice to its present point. It is thus the achievements, and *a fortiori* the authority, of a tradition which I then confront and from which I have to learn. (*op. cit.* 181)

De acordo com o cruzamento de diferentes dados presentes nos trabalhos de Li (2018), Choi (2017), Liu (2017) e Yan (2008), trabalhos que procuram apresentar, cronologicamente, a situação do ensino-aprendizagem de língua portuguesa na China<sup>5</sup>, constatamos que o primeiro curso universitário de português no Interior da China começou em 1960, altura em que o país ainda não tinha relações diplomáticas nem com Portugal – restabelecidas em 1979 – nem com o Brasil – cuja ligação diplomática foi restabelecida em 1974 – e nem sequer com os países africanos de língua portuguesa, sob domínio português até 1975.

Interessa-nos, por isso, no quadro deste artigo, estabelecer uma periodização do ensino de português nas universidades chinesas que tenha em consideração, por um lado, a organização cronológica dos primeiros cursos de licenciatura em português e, por outro lado, a ordem política e os diferentes acontecimentos da segunda metade do século XX que determinaram as relações entre a China e os países de língua portuguesa, de forma a compreender a relevância que a história assumiu no percurso do ensino de português na China e, ao mesmo tempo, assinalar as figuras essenciais que fizeram parte desta história<sup>6</sup>. Tendo em conta estes objectivos, fixaremos três períodos para o desenvolvimento do ensino universitário da língua portuguesa na China: de 1960 a 1976, de 1977 a 1999 e de 2000 até ao presente.

As relações estabelecidas entre a organização das licenciaturas em português e os diferentes movimentos

históricos não só da China, mas também dos países de língua portuguesa, levaram-nos a propor uma periodização diferente da proposta por Liu (2017), que tem em conta, sobretudo, a organização universitária dos cursos na China e os constrangimentos históricos nacionais, assim como a polarização geográfica dos primeiros cursos no território chinês. A proposta de Liu também divide a história do ensino do português em três períodos de desenvolvimento e investimento no ensino da língua, além de incluir um momento de “hiato” relativo ao período da Revolução Cultural, a saber: os primeiros cursos (1960-1966); hiato (1966-1973); dois pólos (1973-2000); generalização (2000-presente).

## 2. Periodização do ensino de português na China

A determinação das fronteiras cronológicas do primeiro período entre 1960 e 1976 permite-nos observar não só a criação e a institucionalização do ensino de português nas universidades chinesas, mas também compreender de que forma os avanços e recuos nessa institucionalização estão ligados aos acontecimentos históricos da segunda metade do século XX na China e nos países lusófonos.

Estabelecemos o início do primeiro período em 1960 tendo em conta a importância deste ano para o ensino da língua portuguesa ao nível universitário na China. Como referido anteriormente, 1960 foi o ano da abertura do primeiro curso de português no IRP e foi também o ano da primeira emissão em português na Rádio Pequim (*cf.* secção 3.1).

A década de 1960 corresponde também à chegada dos primeiros professores brasileiros para trabalharem no IRP e no ILEP e à formação das primeiras turmas de licenciados em português, que desempenhariam funções muito importantes não só nas emissões da Rádio Pequim, mas também nas relações políticas e diplomáticas entre o Partido Comunista da China e o do Brasil durante a ditadura brasileira, assim como um importante papel no apoio e formação aos movimentos de libertação nos países de língua portuguesa na África durante a Guerra Colonial.

Consideramos que este período termina em 1976, ano do fim da Revolução Cultural na China, dado que este ano marca o fim dos constrangimentos políticos que dificultavam a organização lectiva e institucional das universida-

5 Todos estes estudos são unânimes na referência à falta de recursos humanos e materiais no ensino da língua portuguesa na segunda metade do século XX.

6 Para não nos afastarmos do tema deste texto, não abordaremos o ensino da língua portuguesa em Macau, embora possamos reafirmar o papel de Macau no ensino de português língua estrangeira na China, nomeadamente, através da Escola Sínica de Macau (1905-1976), depois designada Escola Técnica de Macau (1976-1991), na formação de tradutores e intérpretes para o par de línguas chinês-português, assim como da companhia comercial *Nam Kwong*, cujos primeiros formandos em tradução e interpretação chinês-português foram contratados para ensinar português em Pequim devido à escassez de professores desta língua (Choi 2017: 260-263).

des. Durante este período, o ILEP suspendeu a admissão de novos estudantes após a conclusão da primeira turma de português em 1965 e o IRP fechou definitivamente as portas em 1970<sup>7</sup>. Mais tarde, em 1973, o ILEP voltou a abrir uma turma com uma dezena de jovens estudantes, trabalhadores dos campos, das fábricas e dos quartéis militares, seleccionados para aprenderem o português.

Além disso, é necessário ter em conta a importância da década de 1970 para o estabelecimento ou para a mudança nas relações diplomáticas entre a China e o mundo lusófono. Em 1974, reatam-se as relações diplomáticas oficiais entre a China e o Brasil; 1974 é, também, o ano da Revolução de Abril, em Portugal, e as mudanças políticas introduzidas no país, o fim da ditadura e a consequente resolução da questão colonial vão impor ao país a necessidade do restabelecimento das relações diplomáticas com a China, nomeadamente, para discutir a questão da soberania de Macau. O restabelecimento dessas relações diplomáticas só será concretizado em 1979.

O fim da Guerra Colonial e a independência dos países da África Lusófona entre 1974 e 1975 ditou também a necessidade de mudança no tipo de relações que a China mantinha com estes países e, nomeadamente, a criação de relações diplomáticas oficiais com os países recém-independentes: Guiné-Bissau em 1974, Moçambique em 1975 e Cabo Verde em 1976 foram os primeiros a formalizarem essas relações diplomáticas.

O fim da Revolução Cultural e os diferentes eventos históricos no mundo lusófono vão influenciar de forma directa o ensino da língua portuguesa, abrindo-se, assim, uma nova página no ensino-aprendizagem do português na China.

O segundo período que fixamos vai de 1977 a 1999. Em 1977, um ano após a Revolução Cultural, retomou-se a organização do Exame Nacional de ingresso no Ensino Superior na China, exame também conhecido pelo nome de *Gaokao*. O ano de 1977 corresponde, por isso, ao início do período de normalização no funcionamento das universidades chinesas.

Nesse mesmo ano, o curso de Português do ILEP voltou a admitir estudantes do ensino secundário. Foi também nesse ano que se iniciou o primeiro curso de Português no Instituto de Línguas Estrangeiras de Xangai (adiante designado por ILEX)<sup>8</sup>. A partir de 1978, foi implementada na China a Política de Reforma e Abertura

ao Exterior, tendo o desenvolvimento económico sido assumido como uma prioridade do governo chinês. Todavia, o ensino de português na China dependia somente do ILEP, no norte da China, e do ILEX, no sul da China<sup>9</sup>. Durante pouco mais de duas décadas, em toda a China, foram admitidos 250 alunos. Em média, cada ano, houve 11 admitidos. O ensino de português parecia adormecido, tal como afirma Li (2018: 10) e o provam os dados estatísticos disponibilizados por Liu (2017: 5). Durante este período, e devido à escassez de oferta de quadros de português, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da China enviou diversas turmas de estudantes, ora seleccionados directamente de escolas secundárias de língua estrangeira a nível nacional, ora escolhidos nas universidades de prestígio da China, para aprenderem português em Portugal ou em Macau nas décadas de 1980 e 1990 (Choi 2017: 264-265).

Fixamos a data de conclusão deste período em 1999, porque o ano de 1999 foi o ano da transferência de soberania do território de Macau e da criação da RAEM e um momento histórico que marcou as relações entre a China e os países de Língua Portuguesa.

No início do novo milénio, o ensino de português na China registou um desenvolvimento dinâmico sem precedentes. Desta forma, fixamos o terceiro período como tendo início em 2000 e desenrolando-se até ao presente. Em 2000, o curso de Português foi restaurado no IRP e, conseqüentemente, muitas universidades começaram a abrir o curso de Português um pouco por toda a China. Em termos de distribuição geográfica, a maioria destes cursos concentram-se no Norte perto da capital política e cultural, Pequim, ou no Sul à volta da maior cidade da China, Xangai, havendo também alguns cursos de português em universidades localizadas nas zonas interiores e remotas da China, como por exemplo, no Nordeste e no Oeste. O português, conhecido como uma das “línguas estrangeiras menores”<sup>10</sup> passa a ser cada vez mais valorizado pela China. Assinalamos, neste período, duas iniciativas do governo chinês que exercem um impacto positivo no ensino de Português. A primeira é a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, em Macau, em Outubro de 2003, resultante da iniciativa do Governo Central da China e em coordenação com sete países de língua portuguesa, nomeadamente Angola, Brasil,

7 Reabriu em 2000.

8 ILEX, antecessor da Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai (UEIS).

9 Por esta razão, Liu Gang, ao estabelecer o terceiro período de 1973 a 2000, realça a questão da polarização do ensino da língua portuguesa entre Pequim e Xangai.

10 No ensino de línguas estrangeiras na China, estas são categorizadas em “principais” e “menores”, tendo em conta a sua dimensão e influência mundial.

Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste, e com a colaboração do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM)<sup>11</sup>. Sendo um mecanismo multilateral de cooperação intergovernamental e tendo como objectivo a consolidação do intercâmbio económico e comercial entre a China e os países de língua portuguesa, Macau destaca-se como plataforma de ligação entre os países participantes. A transferência da soberania de Macau para a administração chinesa promove plenamente o papel de Macau como plataforma entre a China e os Países de Língua Portuguesa a todos os níveis. A segunda é o anúncio da estratégia económica mundial de "uma faixa e uma rota" por parte do presidente chinês Xi Jinping no Outono de 2013, que remonta, segundo Li (2017: 13), à história do comércio global, na qual a China e os países da lusofonia têm um papel preponderante, na medida em que fazem parte da nova rota marítima da seda do século XXI e fizeram parte da antiga rota marítima da seda em tempos idos (Bruxo *et al.* 2017: 203 e 225), dado que os países e regiões de língua portuguesa se situam nesse caminho, a língua portuguesa assume particular importância e "influência" política e económica. Nesta fase, "Macau", "plataforma" e "uma faixa e uma rota" são palavras-chave.

Neste artigo, concentramos o nosso estudo no período de 1960 a 1976, período em que foram estabelecidas as bases do ensino da língua portuguesa, deixando para estudos futuros a restante periodização, que valeria igualmente uma investigação profunda.

### 3. O ensino de português de 1960-1976: no turbilhão da história

Ao longo do estudo deste período, fomos percebendo a importância que a língua portuguesa assumiu enquanto instrumento diplomático no quadro da história mundial. Além da relação histórica evidente entre o ensino da língua portuguesa e o território de Macau, assunto do qual não nos ocuparemos neste artigo para não nos afastarmos do nosso objectivo principal, a história do ensino da língua portuguesa no ensino superior na China encontra-se intimamente ligada a uma série de acontecimentos históricos mundiais e, entre eles, ao desenvolvimento da Guerra Fria no pós-segunda guerra mundial.

Valerá a pena lembrar que a Guerra Fria (período que se inicia em 1945 com o final da Segunda Guerra Mundial e termina em 1991, ano de dissolução da União

Soviética), foi um conflito que opôs dois blocos políticos: o bloco capitalista, representado pelos Estados Unidos da América e o bloco socialista, representado pela União Soviética. No espaço de algumas décadas, as duas potências supracitadas e os seus respectivos aliados políticos afrontaram-se no domínio político, económico, tecnológico, militar, social e ideológico. No entanto, o enfrentamento destas duas superpotências deixava à margem uma parte do globo terrestre, os chamados países não alinhados e neutros, relativamente ao conflito da Guerra Fria, frequentemente designados como Terceiro Mundo. Dentre esses países, estava a República Popular da China, sob o comando de Mao Tsé Tung desde 1949 e buscando novas alternativas diplomáticas após as controvérsias com o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) depois da morte de Estaline, em 1953.

Mas o que tem a língua portuguesa a ver com estes movimentos históricos?

Ao voltar-se para uma política externa que favorecia as relações diplomáticas com os países do Terceiro Mundo, Mao Tsé Tung encetou uma série de acções políticas que viriam a influenciar a primeira criação de cursos de português em universidades chinesas. Entre essas acções podemos destacar o estabelecimento de laços estreitos com os diferentes partidos comunistas a nível internacional e, entre eles, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), partido que atravessava sérias dificuldades nas décadas de 50 e de 60, devido às múltiplas convulsões políticas vividas no país e que culminaram no início do regime militar que vigorou de 1964 a 1985. Por outro lado, o estabelecimento de relações diplomáticas com países do Terceiro Mundo colocou a China no meio de um outro acontecimento histórico importante e em estreita relação com o precedente, as guerras de libertação dos países africanos e, entre eles, os países de língua portuguesa que nos anos 60 lutavam contra o poder colonial português do Estado Novo (Li 2018: 6).

Foi justamente ao olharmos para a data de criação do primeiro curso de português no ensino superior na China – 1960 –, assim como das edições seguintes, seus professores e condicionalismos materiais, assim como o destino de um dos primeiros alunos de português da China, Li Changsen, também conhecido como James Li, que nos interessamos pela reflexão sobre a confluência de todos estes acontecimentos históricos e pelo seu impacto directo na criação dos primeiros cursos universitários de português na China.

11 Em Março de 2017, São Tomé e Príncipe tornou-se o oitavo país de língua portuguesa do Fórum Macau, após o estabelecimento de relações diplomáticas com a China em 2017.

### 3.1. A formação dos primeiros contingentes de estudantes de português

Como explica Li (2018), a necessidade de responder de forma activa ao estabelecimento de relações com os diferentes partidos comunistas no Terceiro Mundo, assim como de apoiar as lutas de libertação na África lusófona, exigia “um grande contingente de profissionais bilingues de língua portuguesa” (*op. cit.* 6), força de trabalho inexistente na China em 1960, dado que os primeiros falantes de língua portuguesa vinham inicialmente através das ligações diplomáticas com a União Soviética. Coloca-se, então, a necessidade de formar profissionais chineses para atender às necessidades específicas dos projectos que envolviam contactos com o mundo lusófono.

Entre esses projectos, existia o caso concreto da Rádio Pequim<sup>12</sup>, emissora que precisava de transmitir boletins informativos para os países de língua portuguesa, mas que lutava contra uma séria falta de falantes de português. O trabalho realizado na Rádio Pequim demonstra perfeitamente o papel que a língua devia desempenhar no estabelecimento de relações entre a China e os países lusófonos, divulgando a mensagem internacionalista e dando a conhecer a China ao mundo:

A Rádio Pequim (...) começou com a emissão de somente duas línguas estrangeiras: russa e inglesa. (...) Durante a guerra fria, a Rádio Pequim tinha o papel de divulgar o internacionalismo e a política externa, assim como apresentar êxitos da construção socialista da China. (Li 2012: 13)

Naquela época, e dado o início dos contactos entre a China e os diferentes partidos comunistas pelo mundo afora, a Rádio Pequim começou a contar com colaboradores brasileiros que ajudavam na elaboração das notícias e textos a serem lidos nas emissões em português. Estes colaboradores brasileiros eram membros ou militantes do Partido Comunista Brasileiro, especialistas de diferentes áreas e, entre eles, encontrava-se Benedito de Carvalho, um dos participantes na Intentona Comunista de 1935<sup>13</sup>. Contudo, as tarefas da Rádio Pequim e de outras instituições para as quais trabalhavam estes colaboradores brasileiros implicavam uma forte necessidade de tradução e interpretação entre as línguas chinesa e portuguesa, tarefas para as quais estes trabalhadores não estavam habilitados.

Esta situação fez com que se tornasse cada vez mais

premente a necessidade de formar especialistas chineses que pudessem realizar trabalhos de tradução, interpretação e locução de rádio em português. Coube, então, ao IRP a tarefa de organizar os primeiros cursos e, assim, formar os seus próprios trabalhadores. Li (2018: 7-8) apresenta um quadro com informações sobre as funções profissionais de vinte e um dos primeiros alunos desta formação, e nele podemos observar as profissões onde estes especialistas eram mais necessários e, entre elas, tradutor, diplomata, professor e jornalista são algumas das profissões exercidas por estes primeiros alunos.

Tendo a introdução do curso de Português uma motivação política, não é de espantar que os primeiros formandos tenham ocupado cargos em instituições como o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Ministério Comercial com o Exterior, a Rádio Internacional da China (adiante designada por RIC), as Edições de Línguas Estrangeiras, a Agência de Notícias da China e a Direcção Nacional de Turismo. Trabalhos que exigiam e exigem uma forte componente de confidencialidade e, por essa razão, um enorme cuidado na selecção dos estudantes. A relação entre o ensino/aprendizagem da língua portuguesa e as questões políticas da época está bem patente no episódio contado por James Li, aquando da sua chegada à Rádio Pequim, onde lhe foi formulado o seguinte pedido:

tradução de um grande texto do *Jornal Reminribao* intitulado "Internacionalismo ou Revisionismo?" a ser transmitido na emissão da língua portuguesa da Rádio Pequim, quando se comemorava o 100º aniversário da Comuna de Paris de 1871. (...) sendo que o seu conteúdo político e teórico visava criticar o PCUS (Li 2012: 12).

O episódio poderia fazer sorrir os actuais alunos universitários que estudam Português, mas é um excelente exemplo dos primeiros passos dos licenciados em Português da década de 60 e dessa ligação tão concreta quanto extraordinária da língua portuguesa aos diferentes movimentos históricos do século XX.

Hoje em dia, quando se pensa em abrir uma licenciatura, ainda é comum observar o carácter instrumental da mesma: que profissões visar? Que público? No entanto, poucos de nós imaginam tantos constrangimentos históricos a gerir na hora de ensinar Português, como veremos em seguida.

<sup>12</sup> Fundada em 1941. Passou a ser designada Rádio Internacional da China (RIC) em 1978.

<sup>13</sup> A Intentona Comunista foi uma tentativa de golpe levada a cabo a 23 de Novembro de 1935 por militares e com o apoio do Partido Comunista Brasileiro. Esta iniciativa visava depor o governo de Getúlio Vargas.

### 3.2. Os primeiros impasses das formações em português

Se a Guerra Fria e as controvérsias entre o Partido Comunista Chinês (adiante designado por PCC) e o Partido Comunista da União Soviética<sup>14</sup> acabaram por ser dois impulsionadores da criação das primeiras licenciaturas em língua portuguesa na China, a Revolução Cultural pode ser considerada com o primeiro factor de desaceleração dessas mesmas licenciaturas, dado que os acontecimentos dela decorrentes acabaram por dificultar a realização das aulas e introduzir um ritmo mais lento e descompassado na organização das formações. Como afirma Li (2012):

a ordem pedagógica foi gravemente afetada pela "grande revolução cultural" iniciada em 1966, movimento político de escala nacional sem precedentes que tocava a alma de toda a gente. Um dia, fomos mandados, durante oito meses, para o campo aprender o "espírito revolucionário" com os agricultores, e as aulas de português eram dadas num templo antigo e abandonado da aldeia Gu Dian, no Norte da China, pois os monges já tinham sido expulsos devido à "revolução cultural"! (*op. cit.* 12)

Além da alteração da ordem das aulas e do normal decorrer de actividades lectivas, muitos dos estudantes que "tinham sido enviados para diversas regiões do país para continuarem a receber "reeducação ideológica" dos operários, camponeses e soldados, com o intuito de transformar o "pensamento da pequena burguesia" (Li 2012: 12) não retomaram uma actividade profissional relacionada com a língua portuguesa uma vez terminado este período.

O já escasso número de especialistas de língua portuguesa tornou-se, por esta razão, ainda mais reduzido: "Foi um enorme desperdício de recursos humanos na história do ensino da língua portuguesa na China." (Li 2018: 10). Ao analisarmos os dados relativos ao ensino da língua portuguesa nesse período, apercebemo-nos de que foi devido às perturbações causadas pela Revolução Cultural que o IRP fechou em 1970, tendo o ILEP, por sua vez, suspenso a admissão de novos estudantes durante 7 anos. Como já tivemos ocasião de mencionar, só depois da Revolução Cultural, em 1977, o ILEX abre um curso de Português, passando a ser a primeira instituição no sul da China a fazê-lo.

### 3.3. Do outro lado do mundo: os primeiros professores de português na China

O desenvolvimento dos primeiros cursos universitários de língua portuguesa no contexto histórico e político da China dos anos 60 e 70 trouxeram-nos ainda outras interrogações, tais como: Por que razão os primeiros professores de português na China vêm quase exclusivamente do Brasil? Que tipo de relações político-diplomáticas existiam nesta época que justificassem um tal intercâmbio? Quem são esses professores pioneiros do ensino de português em Pequim?

Estas questões levaram-nos a observar a conjuntura mundial da época. Por não ter relações diplomáticas nem com Portugal nem com o Brasil, devido à divisão mundial provocada pela Guerra Fria, o recrutamento de professores de Português na China teve de ser feito por uma outra via: o contacto entre o PCC e o PCB (Caeiro 2014). No entanto, a ausência de relações diplomáticas impedia os brasileiros de obterem um visto para entrada na China, visto esse que seria conseguido apenas através de viagens a países neutros como a Suíça ou através da ajuda da União Soviética, que enviava alguns deles de forma clandestina (passando por outros países) até atingirem território chinês.

Foi o cruzamento, entre outros, das informações disponibilizadas por Li (2018) sobre os primeiros professores de português em Pequim com o acervo digital do jornal brasileiro *Folha de São Paulo*<sup>15</sup> que nos chamou a atenção para a particularidade da estadia destes professores na China. O grupo de pessoas que a seguir apresentaremos foram professores, é certo, mas essa era apenas uma das muitas tarefas que exerciam na China, pois ao cruzarmos diferentes relatos das suas estadias em Pequim, demo-nos conta de que exerciam também a profissão de tradutores, intérpretes, locutores de rádio e elementos de ligação política entre os diferentes ministérios chineses e as autoridades comunistas do Brasil.

Originalmente, os primeiros professores de Português em Pequim eram engenheiros, jornalistas, militantes ou apoiantes do PCB, sendo que alguns eram ou tinham sido inclusivamente líderes do partido e encontravam-se, nesse momento, em situação de exílio, e outros tinham estado presos ou foram presos já depois de regressarem ao Brasil.

É, aliás, para a história do século XX brasileiro que

14 Relembramos que o 20º Congresso do PCUS, decorrido em 1956, adoptava orientações que impunham a coexistência pacífica com o bloco capitalista, rompendo de forma clara com a época de Estaline, e instaurando o que ficou conhecido como a via pacífica para o socialismo, orientações que Pequim acusou de serem revisionistas e de romperem com os ideais da revolução comunista.

15 Disponível em: <https://acervo.folha.com.br>

devemos voltar a nossa atenção quando estudamos o percurso destes professores e que procuraremos, aqui, retratar de forma abreviada.

O primeiro professor de português no IRP de quem obtivemos informações através das nossas fontes bibliográficas foi Benedito de Carvalho, chamado a trabalhar no IRP com a sua esposa Lídia de Carvalho e a quem foi pedido que organizassem as primeiras emissões em língua portuguesa<sup>16</sup>, assim como a formação dos funcionários da Rádio para o trabalho com a língua portuguesa. Tendo iniciado o seu trabalho em Pequim em 1958, foi no ano de 1960 que se concretizou a primeira emissão do IRP em língua portuguesa e também a organização e abertura do primeiro curso de licenciatura em português. Além do IRP, Benedito de Carvalho foi também professor do ILEP.

Mas o que mais nos interessou na presença deste professor em Pequim foi o facto de este ser um dos militares condenados pelo que ficou conhecido como a Intentona Comunista de 23 de Novembro de 1935, uma tentativa de golpe para destituir o governo de Getúlio Vargas e instaurar um governo comunista no Brasil. Este golpe, levado a cabo por Luís Carlos Prestes (1898-1990) e por membros da Aliança Nacional Libertadora, falharia nos seus objectivos, mas é um dos exemplos de cooperação internacional e, nomeadamente, da influência da Internacional Comunista nos diferentes movimentos e insurreições despoletados ao longo do século XX por influência das ideologias comunista e socialista um pouco por todo o mundo.

O casal Carvalho trabalhou em Pequim de 1958 a 1962, tendo conhecido e trabalhado em conjunto com um outro casal também muito importante para o ensino do português na China: o poeta Carlos Frydman e a violinista brasileira Nair Rotman (Fares 2016: 6) que levaram a cabo os objectivos já mencionados de desenvolver a emissão de programas em língua portuguesa no IRP e também de criar os primeiros cursos de formação universitária em português. Tendo-se dedicado de forma mais premente ao ensino da língua portuguesa, libertando assim o casal Carvalho para outras tarefas, eles são, muitas vezes, apresentados como os primeiros professores da língua portuguesa na China. Também Carlos Frydman foi militante do Partido Comunista Brasileiro entre 1952 e 1958, o que,

de acordo com Li (2018: 15), lhe valeu prisão política.

Uma das primeiras professoras da turma do IRP e também do ILEP foi Mara Mazzoncinni (1925-1983), uma engenheira enviada pelo Partido Comunista Brasileiro e que, ao que tudo indica, ficou dois anos em Pequim, de 1960 a 1962, tendo depois sido obrigada a regressar ao Brasil devido à divergência entre PCC e PCUS, divergência essa que teve também enorme influência nos grupos comunistas do Brasil, originando a divisão do Partido Comunista - Secção Brasileira da Internacional Comunista, fundado em 1922, em dois novos partidos: o Partido Comunista Brasileiro (continuação do anterior e de inspiração soviética) e o Partido Comunista do Brasil (fundado oficialmente em 1962 por um grupo denominado Ala Vermelha ou Ala Chinesa, com uma clara influência maoísta e que recusava a orientação para a coexistência pacífica com o bloco capitalista).

O casal Amarílio de Vasconcelos<sup>17</sup> e Raquel Cossoy também começou por trabalhar em Pequim entre 1958 e 1962. Além das tarefas ligadas à docência, a vertente jornalística também ocupava um lugar muito importante na vida destes brasileiros, não só ao nível da Rádio Pequim, mas também, por exemplo, relativamente à colaboração na fundação da agência de notícias Xinhua, no Rio de Janeiro, em 1961, em que esteve envolvido Amarílio de Vasconcelos. A importância do casal nas relações entre os dois países foi inclusivamente reconhecida pelas autoridades chinesas e a 3 de Dezembro de 1962 foram recebidos pelo Presidente Mao Tsé Tung.

No final de 1962 o casal regressou ao Brasil e, em 1964, foram ambos presos por “tentativa de supressão da independência do Brasil e espionagem” e só foram libertados em 1968, ano em que regressaram à China e de onde só saíram em 1978.

O processo de 1964, que resultou na prisão de Amarílio de Vasconcelos, Raquel Cossoy, entre outros comunistas, assim como de nove chineses<sup>18</sup> que viviam no Brasil, foi uma das primeiras demonstrações de força repressiva do governo da ditadura militar brasileira (1964-1985) contra os comunistas.

A importância que este casal assumiu ao longo do processo e as suas ligações com a China nos anos anteriores levam-nos a supor que a passagem pela China dos

16 A primeira emissão em português ocorreu em 15 de Abril de 1960.

17 Amarílio de Vasconcelos faz parte do grupo de dirigentes que reorganiza o Partido Comunista depois da repressão e da quase destruição do mesmo em consequência dos acontecimentos de 1935. Assim, em 1943, organiza no Rio de Janeiro a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP) para reconstruir a direcção do partido. Amarílio de Vasconcelos passa, nessa data, a fazer parte do Comité Central (Oliveira 2017: 57).

18 Este processo ficou conhecido como “O Caso dos 9 chineses” e pode ser consultado na íntegra em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/100/006.html> [consultado em 30/05/2018] e também em: [http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB\\_01&PagFis=5832&Pesq=](http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB_01&PagFis=5832&Pesq=) [consultado em 30/05/2018].

primeiros professores de língua portuguesa estava ligada à formação de quadros do partido comunista brasileiro. Não será, por isso, de espantar que, aquando da cisão entre os comunistas brasileiros, alguns destes quadros tenham sido chamados de volta ao Brasil para o fortalecimento da Ala Vermelha do partido comunista e também para o estabelecimento e fortalecimento do novo PCdoB, apoiado pela China, nomeadamente através da criação da Sociedade Cultural Sino-Brasileira do Rio de Janeiro, criada em 1959 e suspensa em 1966 (Vasconcelos 2010: 135-137), da qual Raquel Cossoy foi secretária.

Em 1962, o casal Jayme e Angelina Martins<sup>19</sup> chegou a Pequim para continuar a acção dos colegas anteriormente mencionados e, nomeadamente, substituir Carlos Frydman e Nair Rotman. A acção deste casal foi também um bom exemplo da cooperação entre Brasil e China na formação em língua portuguesa, pois não só deram enormes contributos em prol do ensino e divulgação da língua portuguesa ao longo de mais de 20 anos tanto no IRP quanto no ILEP, como também se dedicaram à formação de jornalistas da Rádio Pequim, à tradução e à interpretação. A longa permanência deste casal acabou por proporcionar às duas filhas, nascidas durante esta aventura, uma escolarização em chinês, fazendo com que tenham depois trabalhado também no mundo da tradução e interpretação entre as línguas portuguesa e chinesa.

Além destes professores já mencionados, também Rosária Galliano, Alfredo Galliano e Luís Ventura (pintor brasileiro) foram professores de português e trabalhadores do IRP. Tantas outras histórias que mereciam ser contadas...

### 3.4. História de um primeiro licenciado em português rumo ao desconhecido

Ao olharmos de perto para estas histórias, que se cruzam com a história dos primeiros cursos de português na China, não podemos ignorar a ligação entre o ensino da língua portuguesa e as guerras de libertação em África.

Quando Li menciona a passagem de Sócrates de Oliveira Dáskalos (1921-2002) por Pequim como “o primeiro professor que divulgou a cultura e a história luso-africanas aos alunos chineses” (Li 2018: 16), não podemos deixar de ligar o destino deste escritor e político angolano aos movimentos de libertação que estiveram na origem

das independências de diversos países africanos e, mais especificamente no caso dos países de língua portuguesa, aos movimentos levados a cabo em países como Angola (desde 1961) e em Moçambique (desde 1964), terminando em 1974 com a Revolução de 25 de Abril em Portugal, que conduziu os países africanos de língua portuguesa à independência entre 1974 e 1975.

Sócrates de Oliveira Dáskalos foi um militante do MPLA<sup>20</sup> e o seu percurso como professor na China iniciou-se em 1965, numa época em que, como já tivemos ocasião de mencionar, a China investia no apoio aos países do Terceiro Mundo (por isso, em 1965, o IRP abriu duas turmas de português, com um total de 40 alunos), época que coincidia com o momento em que “a guerra colonial na África [se] encontrava numa situação mais difícil, e os tradutores e os intérpretes sino-portugueses tornaram-se cada vez mais procurados.” (Li 2018: 9)

É justamente esta procura que vai condicionar o percurso profissional daquele que, tendo sido um dos primeiros alunos do curso de Português na China, se tornaria, mais tarde, um marco na história do ensino do português, reconhecido tanto no Interior da China quanto em Macau: o professor James Li.

O estudo do período em que se desenrola a guerra para obtenção da independência em Angola e Moçambique permitiu-nos compreender melhor o percurso profissional deste professor antes de ter vindo para Macau, primeiro como jornalista na Rádio Pequim, de 1969 a 1990, actuando na difusão das actualidades da China junto ao mundo lusófono, e depois como intérprete destacado pelo Estado chinês no sul da Tanzânia, de 1973 a 1975, nos centros de treino militar de Ngagau, no Distrito de Irinka, e em Nachingwea, no Distrito de Lindy, onde eram treinados alguns guerrilheiros angolanos do MPLA e moçambicanos da Frelimo<sup>21</sup>, treino que consistia não só em prática militar, mas também em educação ideológica para a conquista da independência nacional.

O trabalho deste jovem formado em Português consistia não só em treino militar, mas também na educação ideológica das guerrilhas para a preparação das respectivas independências nacionais. A conjuntura política internacional e a situação da China em prol dos países que lutavam pela independência fez com que esta primeira geração dos profissionais em língua portuguesa fosse incluída nos esforços internacionais chineses no cenário mundial.

19 A vida do casal em Pequim está documentada num relato autobiográfico redigido pelo próprio jornalista no site da CRI (Rádio Internacional da China) em: [http://portuguese.cri.cn/801/2015/04/16/1s198682\\_1.htm](http://portuguese.cri.cn/801/2015/04/16/1s198682_1.htm) [consultado em 28/05/2018]. Além disso, o realizador brasileiro Marcelo Machado está a concluir um documentário chamado “A Ponte de bambu Brasil-China”, no qual relata a vida da família Martins na China.

20 MPLA, sigla de Movimento Popular de Libertação de Angola, fundado em 1956 através da fusão do Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (fundado em 1953) e do Partido Comunista Angolano (fundado em 1955).

21 Frelimo, acrónimo de Frente de Libertação de Moçambique.



Por entre as múltiplas contingências que a viagem para África representou no percurso de James Li, destacamos a certeza de um maior conhecimento e contacto não só do ponto de vista linguístico, mas também uma maior compreensão desse, por vezes, tão abstracto espaço lusófono e um crescente sentimento de pertença à lusofonia de que o professor James Li tem dado conta nos seus escritos pessoais e poéticos, tal como o revela a publicação, em 2012, da obra *Um Coração Chinês na Lusofonia. Poemas*.

Para isso contribuiu seguramente esta experiência de dois anos vivida na Tanzânia, no momento crucial que acompanhou o fim das guerras de libertação, mas, sobretudo, o contacto com figuras históricas dos movimentos de libertação, tal como aconteceu com a passagem pelo campo de treinos daquele que seria o primeiro presidente de Angola no pós-independência: Agostinho Neto (1922-1979), então líder do MPLA. O encontro marcaria o intérprete, que escreveu, anos mais tarde, o seguinte comentário na sua autobiografia:

(...) tive oportunidades de conhecer líderes do movimento pela independência africana. O exemplo disso foi o encontro com o Dr. Agostinho Neto, então presidente do MPLA. Encontrei-me com ele numa altura em que foi visitar o centro de treino militar em Ngagau. O meu contacto com ele foi basicamente como intérprete e não tivemos conversas longas. Lembro-me que ele tinha um discurso muito fluído e, apesar de a nossa conversa ter sido curta e formal, percebi que era uma pessoa muito culta. (Li 2012: 14-15)

Depois da revolução do 25 de Abril de 1974, em Portugal, e com o fim da campanha militar de descolonização, voltou à China e continuou a trabalhar na RIC. Durante os anos de 1983 a 1984 foi trabalhar como intérprete da delegação chinesa na Guiné-Bissau numa missão de apoio a projectos agrícolas. Como repórter, pôde acompanhar a deslocação dos líderes chineses aos países de língua portuguesa e fez entrevistas completas aos chefes de Estado e de Governo dos países de língua portuguesa, incluindo entrevistas a dois Presidentes da República de Portugal – Ramalho Eanes e Mário Soares - e ainda a Cavaco Silva, em 1987, quando era Primeiro-Ministro.

É justamente em 1987, e porque James Li é uma figura reconhecida da língua portuguesa na China, que é chamado a testemunhar a assinatura da *Declaração Conjunta do Governo da República Portuguesa e do Governo da República Popular da China sobre a Questão de Macau*, a 13 de Abril de 1987, assinatura em que estavam presentes Deng Xiaoping e Zhao Ziyang, do lado da China, e Cavaco Silva, do lado Português.

Na década de 1990, foi destacado pelo Estado chinês para ir ajudar nos trabalhos de tradução jurídica em Macau no período de transição de Macau para a China, lidando com trabalhos de tradução administrativa e jurídica, incluindo os estudos sobre a Lei Básica e os sistemas legais de Macau, sob a liderança da sucursal de Macau da Agência de Notícias Xinhua (antecessora do Gabinete de Ligação do Governo Central em Macau).

A partir de 1995, dedicou-se ao ensino no Instituto Politécnico de Macau (IPM), tendo trabalhado como assessor do presidente do IPM, coordenador do curso de Tradução, vice-director do Centro de Culturas Chinesa e Ocidental, editor chinês do *Jornal do Instituto Politécnico de Macau*, secretário-geral do Centro de Investigação dos Países de Língua Portuguesa, entre muitas outras funções. Foi professor de disciplinas como Teoria da Tradução, Práticas de Tradução, Chinês Língua Estrangeira e História e Cultura Chinesas, enquanto orientava também teses de graduação.

Constatamos, assim, ao longo deste estudo que tanto os docentes de português como os aprendentes de português puderam desempenhar diversos papéis sociais e políticos, além da prestação de serviços linguísticos, acabando por ser, de forma mais ou menos voluntária, testemunhas activas da história do século XX, nomeadamente, dos movimentos históricos acima descritos.

Nesta perspectiva, James Li destaca-se pela longa convivência com a língua portuguesa e com o mundo lusófono, pela acção desenvolvida em prol da difusão e dos estudos da língua portuguesa e, sobretudo, pela sua paixão por esta língua como jornalista, como formador militar, como intérprete, como professor e como investigador académico. Ao longo dos últimos quase 60 anos, o professor James Li tem testemunhado as vicissitudes destes países lusófonos no enquadramento histórico lusófono, mundial e nas suas relações com a China.

#### 4. Conclusão

Neste texto, abordamos principalmente o estudo da época histórica em que foram criados os primeiros cursos de língua portuguesa na China e algumas das figuras representativas envolvidas nestas movimentações históricas no seio do ensino superior chinês. Procuramos, de forma breve, reunir a história da criação dos primeiros cursos de Português no ensino superior na China, na preocupação de manter para memória futura este longo, e por vezes acidentado, percurso da língua portuguesa em território chinês. Apercebemo-nos, ao longo da investigação conduzida, que os diferentes movimentos históricos mundiais tiveram um impacto definitivo na história dos estudos da língua portuguesa na China e que, se por um lado

a condicionaram, por outro lado a tornaram única.

O estudo desta longa história inclui uma série de figuras que consideramos serem merecedoras de toda a nossa atenção: os professores dos primeiros cursos de língua portuguesa, personalidades históricas em muitos casos e que souberam adaptar-se às contingências da história e construir um percurso inigualável e do qual, de certa forma, somos todos herdeiros ainda hoje. Souberam, sobretudo, transmitir essa capacidade de adaptação ao mundo e essa polivalência profissional aos seus formandos e, através da língua portuguesa, transformaram-nos em verdadeiros cidadãos do mundo.

Na encruzilhada de todas estas histórias dentro da História encontramos o percurso profissional do professor James Li, a quem escolhemos dar um destaque especial neste trabalho por se ter dedicado à língua portuguesa ao longo de tantas décadas, pela contribuição inegável no estreitamento de laços entre a China e os países de língua portuguesa e por ter adquirido esse sentimento de pertença à alteridade – a uma outra língua e a uma outra cultura – ou, nas suas próprias palavras, uma “segunda terra!” (Li 2012: 22).

Como o estudo termina na viragem do ano de 1976, ano em que terminou a Revolução Cultural da China e o ensino de português retomou a normalidade, é nossa intenção continuar, no futuro, a estudar as características do segundo e terceiro períodos do ensino de português na China. Após o término da Revolução Cultural e aquando da implementação da política estatal de abertura ao exterior, as actividades de promoção do ensino de português, sob iniciativa do governo chinês, incluíram o envio, por exemplo, de alguns alunos durante os anos de 1976 a 1978, para a Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique – pensamos neste caso específico em Choi Wai Hao<sup>22</sup> –, enquanto outros foram destacados, como já era prática desde 1959, para aprender português em Macau – e entre esses estudantes destaca-se Lei Heong Iok<sup>23</sup>.

Estudaremos, no futuro, mais alguns capítulos desta excepcional história do ensino de português na China, abordando o contexto histórico que fomenta e promove o ensino de português, destacando as personalidades de referência que se têm dedicado ao ensino de Português e à divulgação da língua portuguesa na China e em Macau.

## Referências

- Amigos da Turma de Nam Kwong (2013) 五湖四海同窗誼, 相知相惜學友情 [Amizade dos Colegas]. Zhong Shan: Amigos da Turma de Nam Kwong.
- BRUXO, José; Leonor Dias de SEABRA & Lurdes ESCALEIRA. (2017) *Portugueses no Oriente: Uma narrativa dos séculos XV a XIX*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- CAEIRO, António (2014) «A rádio chinesa que fala português». *Revista Macau*, 41: 38-42.
- CHOI, Wai Hao (2017) «Inspiração histórica: o ensino da língua portuguesa e a China Moderna». Em *Globalization and Macau: Macau's external role between Asia Pacific and Latin America*, coord. por Gary Ngai, pp. 259-270. Macau: Fundação Macau, Social Sciences Academic Press (China).
- FARES, Tomaz M. (2016) «A diplomacia chinesa e as relações com o Brasil (1949-1974)». *Século XXI* 7 (1): 28-47.
- MATOS, Ánia Soeiro (2016) «O ensino de português na Ásia Oriental: de quem para quem». *Fórum Sociológico*, Série II, 28: 65-72.
- LI, Changsen (2018) «Inspiração histórica: o ensino da língua portuguesa e a China Moderna». Em *Actas do 4º Fórum internacional da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André, Rui Pereira e Liliana Inverno, pp. 3-22. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- \_\_\_\_\_ (2017) «A língua portuguesa e a estratégia económica de “Uma Faixa e Uma Rota”». Em *Actas do 3º Fórum internacional da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André e Rui Pereira, pp. 3-23. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- \_\_\_\_\_ (2012) *Um coração chinês na lusofonia. Poemas*. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- LIU, Gang (2017) *Estratégias utilizadas por aprendentes de português língua estrangeira*. Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.
- \_\_\_\_\_ (2015) «Planeamento do ensino do português língua estrangeira na República Popular da China». Em *Actas do 2º fórum internacional do ensino da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André e Changsen Li, pp. 111-131. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- MACINTYRE, Alasdair (1981) *After virtue: a study in moral theory*. Notre Dame: Indiana University Press.
- OLIVEIRA, Eder Renato de (2017) *Entre a reforma e a revolução: o PCB e a revolução brasileira*. Universidade Estadual Paulista, Dissertação de Mestrado.
- PENNA, Lincoln Abreu de (2005) *Caminhos da soberania nacional, os comunistas e a criação da Petrobras*. Rio de Janeiro: E-papers.
- POMAR, Wladimir (2013) *Pedro Pomar, Uma vida em vermelho*. São Paulo: Editora Perseu Abramo.
- RAN, Mai (2006) *Aprender português na China - O curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: estudo de caso*. Universidade de Aveiro, Dissertação de Mestrado.
- YAN, Qiaorong (2008) *De práticas sociais a gêneros do discurso: uma proposta para o ensino de português para falantes de outras línguas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado.
- VASCONCELOS, Cláudio Beserra de (2010) *A política repressiva aplicada a militares após o golpe de 1964*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutoramento.

22 Director da Escola de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau de 2004 a 2014. Académico-Correspondente Estrangeiro da Academia de Ciências de Lisboa. Autor, entre outros, do livro 明清之際西班牙方濟各會在華傳教研究 (1579-1732) [Estudos sobre os missionários franciscanos espanhóis na China nos finais da Dinastia Ming e no início da Dinastia Qing].

23 Presidente do Instituto Politécnico de Macau de 1999 a 2018. É autor, entre outros de 澳門聖保祿學院研究 [Estudos sobre o Colégio de São Paulo de Macau]. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Lisboa em 2012 e é Académico-Correspondente Estrangeiro da Academia de Ciências de Lisboa desde 2014.